

O SIGNIFICADO DA PERDA DE VISÃO PARA CEGOS COM CEGUEIRA ADQUIRIDA

Introdução

Este texto tem por objetivo apresentar dados de um estudo sobre o enfrentamento da perda de visão de sujeitos com cegueira adquirida. O estudo é parte de um projeto maior que visa estabelecer relações entre o enfrentamento da cegueira e o significado de aprendizagem do braille¹.

O estudo é fundamentado na perspectiva histórico-cultural de Vigotski², que destaca a importância das relações sociais para a formação pessoal de cada um e que aborda em seus textos sobre defectologia aspectos importantes relacionados à constituição de pessoas cegas e sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem das mesmas.

Vigotski declarou que a cegueira é algo sério, mas o contato social e as experiências sociais não privam o cego da comunicação.

Uma das pesquisadoras é Pedagoga Especialista em Educação Especial e atua em um centro de reabilitação no programa de adolescentes e adultos com deficiência visual nas atividades de ensino do braille e em recursos de informática.

Kovács (1997) aponta que com relação à deficiência adquirida é importante verificar em que momento acontece a perda visual e quais os recursos que a pessoa utiliza para enfrentá-la, pois em cada fase do desenvolvimento há “aspectos críticos que serão afetados”. (p.95). Esta autora também destaca que as deficiências adquiridas que estão ligadas a perda podem ser associadas com “uma vivência de morte em vida”. (p.96). Para ela “muitas doenças e suas sequelas, entre as quais as deficiências, podem se fazer acompanhar de dor” (p. 103). Em suas pesquisas encontrou relatos de pacientes que diziam que “a dor pode ocupar todo o espaço vital”. (p.103).

Estudos sobre cegos são escassos, bem como, sobre as deficiências adquiridas. Por este motivo o estudo do significado da perda de visão para cegos com cegueira adquirida tem grande relevância científica e social.

¹ Dissertação de Mestrado em desenvolvimento por uma das autoras - Fátima Aparecida Gonçalves Mendes

² A grafia do nome do autor varia em diferentes traduções. Optamos por uma só forma, porém preservando as indicações diferenciadas nas Referências Bibliográficas.

A cegueira adquirida tem diversas causas: doença, acidente, etc, o que demonstra condições gerais de vida da população e do atendimento de saúde. Segundo pesquisa de Bittencourt et al (2011) a maior causa de cegueira adquirida entre os sujeitos com deficiência visual atendidos em um programa de reabilitação é a retinopatia diabética. A diabetes se tratada e controlada pode evitar a perda visual.

Diante disso perguntamos: O que significa para os cegos com cegueira adquirida enfrentar esta mudança? O que mudou em suas vidas?

Entrevistando cegos com cegueira adquirida

Para responder as questões identificadas acima realizamos entrevistas com 12 sujeitos: 9 cegos e 3 com baixa visão (considerados pedagogicamente cegos), todos com cegueira adquirida com idade superior a 15 anos. Todos fazem parte de um programa de reabilitação para aprendizagem do braille – Programa de Adolescentes e Adultos com Deficiência Visual - de um centro de reabilitação localizado no interior do Estado de São Paulo.

A seguir apresentamos as características mais relevantes dos sujeitos que fizeram parte do estudo. Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

Antonia – Foi entrevistada em 10 de maio de 2013, tinha 39 anos na ocasião da entrevista. Casada e com Ensino Médio Completo. Seu diagnóstico é de retinose pigmentar. Desde pequena tinha baixa visão e foi perdendo gradativamente. Perdeu a visão aos 33 anos. Relatou que não pretende mais voltar a estudar, pelo menos não nesse momento.

Cecília – Foi entrevistada em 03 de setembro de 2013, tinha 65 anos na ocasião da entrevista. Casada e com Ensino Médio Completo. Seu diagnóstico é microvasculite, provocada por uma doença autoimune chamada musinose. Perdeu a visão aos 60 anos. Relatou que não pretende mais voltar a estudar, pelo menos não nesse momento.

Daniel – Foi entrevistado em 18 e 25 de novembro de 2013, tinha 18 anos na ocasião da entrevista. Solteiro e estudante da 1ª série do Ensino Médio na ocasião da entrevista. Seu diagnóstico é tumor maligno no cérebro que alojou no nervo óptico do olho direito e prejudicou o olho esquerdo. Ficou cego e depois da cirurgia a visão voltou 2,5% no olho esquerdo. O olho direito não enxerga nada. Perdeu a visão aos 15 anos. Relatou que pretende continuar os estudos.

Eleonora – Entrevistada em 23 de abril de 2013, tinha 40 anos na ocasião da entrevista. Casada e com Ensino Superior Completo. Seu diagnóstico é retinopatia diabética e glaucoma. Perdeu a visão aos 35 anos. Relatou que não pretende mais voltar a estudar.

Elton – Entrevistado em 14 de junho de 2013, tinha 29 anos na ocasião da entrevista. Solteiro e com Ensino Médio Completo. Seu diagnóstico é retinopatia diabética. Perdeu a visão aos 25 anos. Relatou que não sabe se volta a estudar.

Fabíola - Entrevistada em 20 de maio de 2013, tinha 17 anos na ocasião da entrevista. Solteira e estudante da 3ª série do Ensino Médio na ocasião da entrevista. Seu diagnóstico é amaurose congênita de leber. Perdeu a visão aos 15 anos. Relatou que pretende continuar os estudos.

Fabrizio - Entrevistado em 23 de abril de 2013, tinha 41 anos na ocasião da entrevista. Casado e com Ensino Médio Completo e Técnico em Administração. Seu diagnóstico é fundus albipunctatus. Perdeu a visão aos 33 anos. Relatou que no momento não pretende voltar a estudar.

Geraldo - Entrevistado em 23 de abril de 2013, tinha 48 anos na ocasião da entrevista. Casado e com Ensino Médio Completo. Seu diagnóstico é retinose pigmentar. Perdeu a visão aos 36 anos. Relatou que pretende voltar a estudar.

Janete - Entrevistada em 26 de abril de 2013 e 03 de maio de 2013, tinha 67 anos na ocasião da entrevista. Casada e com Ensino Fundamental Incompleto – estudou até a 2ª série do primário. Seu diagnóstico é glaucoma. Perdeu a visão aos 64 anos. Relatou que não pretende voltar a estudar.

Jeane - Entrevistada em 29 de abril de 2013, tinha 16 anos na ocasião da entrevista. Solteira e com Ensino Fundamental Incompleto – estudou até a 4ª série do primário. Seu diagnóstico é retinose pigmentar. Perdeu a visão aos 15 anos. Relatou que pretende voltar a estudar.

Juca - Entrevistado em 14 de junho de 2013, tinha 50 anos na ocasião da entrevista. Separado e com Ensino Fundamental Completo. Seu diagnóstico é pseudoxantoma. Perdeu a visão aos 48 anos. Relatou que não pretende voltar a estudar, se for um curso profissional talvez.

Letícia - Entrevistada em 14 de maio de 2013, tinha 33 anos na ocasião da entrevista. Separada e com Ensino Médio Completo. Seu diagnóstico é vogt harada. Perdeu a visão aos 29 anos. Relatou que não pretende voltar a estudar, pois gostaria de cursar Enfermagem e acha que agora é difícil.

As entrevistas foram abertas e gravadas, realizadas a partir de um roteiro inicial que continha os aspectos centrais que precisavam ser abordados pelos entrevistados.

Como estávamos interessados principalmente em conhecer as histórias e avaliações sobre os próprios sentimentos e ações com relação ao processo de perda visual, trabalhamos com depoimentos de história oral temática.

A História Oral é o trabalho de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevistas gravadas, em diferentes modalidades.

Para Meihy (1998) a História Oral é dividida em três modalidades: história oral de vida; história oral temática; tradição oral. Segundo o autor a história oral de vida é uma "... Narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa" (p.45); a história oral temática é o compromisso em obter "o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido" (p.51); a tradição oral é aquela que: "trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto (...). Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos". (p.53)

Sabemos que não são todos os acontecimentos que ficam guardados na memória, bem como às vezes não lembramos tudo o que queremos lembrar, depende do momento em que estamos rememorando o que já aconteceu.

Bosi (1999) afirma que

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma 'história' dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente. (p.407)

A história narrada não é só a história pessoal, mas também a história do outro, do grupo, que incorporamos na nossa história. Somos todos seres únicos, mas em relacionamento com o outro e assim ocorre um entrelaçamento de vidas e histórias. Por isso quando lembramos sobre nossa história de vida sempre aparece a figura do outro na nossa memória.

Significando a cegueira adquirida

Enfrentar a perda da visão foi um grande desafio para todos os entrevistados, pois diferente dos cegos congênitos, que aprenderam a significar o mundo e as coisas

do mundo sem ver, os cegos com cegueira adquirida precisaram se adaptar a uma nova forma de se relacionar e de significar. Geraldo nos diz: *“Eu fiquei depressivo porque eu achava assim, o que vai ser de mim? Não posso trabalhar, não posso ler, não posso casar, ter uma família. Como eu vou trabalhar? Como eu vou viver? Como eu vou trabalhar se eu não enxergo?”*. Para Geraldo a perda visual significou parar de trabalhar, parar de ler e de não ter um futuro que planejara. Geraldo relata que percebera que havia algo de errado durante suas atividades no trabalho. Nessa época ele morava em São Paulo e trabalhava no almoxarifado de uma grande loja onde tinha que ler notas fiscais e preencher requisições. Começou a perceber dificuldade na leitura porque na hora que ia ler a vista embaçava e seus olhos lacrimejavam. Procurou um médico e fez vários exames e depois de muito tempo fazendo exames chegou-se ao diagnóstico de Retinose Pigmentar; Para Fabrício a perda tardia de visão significou perder o trabalho, não dirigir mais e ter que depender dos outros. Em suas palavras: *“Eu tinha um problema de visão desde pequeno, eu enxergava pouco, mas eu dirigia, só de noite que complicava. Quando eu completei os 33 anos foi que ela começou a ir embora de vez. Quando eu estava fazendo uma montagem do motor da máquina, eu não estava conseguindo colocar no ponto. Foi quando meu patrão chegou e me disse que eu tinha que procurar um médico, ele disse que minha vista estava com problema e eu disse que não estava com problema não. A minha perda visual no começo foi difícil porque eu não queria aceitar, você está bonzinho e de repente você está dependendo dos outros, daí você não quer aceitar. A minha família me deu muito apoio e ainda dá. Passei pelo psicólogo aqui... (pausa com suspiro) a vida continua...”*; Para Antonia, que desde a infância tinha baixa visão, perder a visão significou não poder trabalhar e que todo esforço feito para estudar e ter um emprego tinha sido em vão. Em suas palavras: *A perda visual para mim foi bem difícil porque no começo é difícil conformar né. Eu pensava, poxa, eu estudei, eu queria ter um emprego, um serviço melhor, usar o que eu aprendi né. Eu pensava, eu falava, eu estudei, mas para mim não serve de nada. Eu falava desse jeito sabe. Hoje eu penso diferente porque eu falo “ah eu estudei pelo menos, foi um sonho que a gente realizou e mesmo que a gente não tem um emprego”... Assim eu tenho aqueles bons momentos que eu consegui né, fui lutando e consegui*; Para Eleonora, perder a visão significou perder a independência. Ela diz: *Eu sempre fui muito independente, fazia o que eu queria e na hora que eu queria, então como eu perdi a visão eu tive um pouco de depressão e esse negócio de ficar andando de braço dado com um ou com outro isso até me corroia por dentro. Eu tinha que formular a frase pra alguém pra pedir alguma coisa e o choro vinha junto de orgulho, né. Só que depois eu fiquei... eu não sei... é a mesma coisa que eu atestar que eu já estou cega. Isso era o meu pensamento a princípio, depois que eu andei que eu experimentei de óculos escuros, de olhos fechados, abertos, usando o que eu tinha com a técnica que eu estava aprendendo, então isso tudo dissipou, sumiu, era coisa da minha cabeça né, sumiu. Eleonora conta que quando percebeu que sua visão não estava boa foi durante o trabalho, ela é professora. Em suas palavras: *Quando eu**

comecei a sentir eu estava trabalhando. Quando eu comecei a perceber, eu estava dando aula, coloquei um cartaz no fundo da sala com as embalagens dos ingredientes que nós usamos para fazer um bolo e depois eu não conseguia ver do quadro negro, eu não conseguia identificar em que ordem estava, e as crianças perguntando por que era classe de alfabetização. Então tinha a embalagem e, por exemplo, leite em pó eu escrevi ao lado leite em pó com letra bastão e aí eu não estava conseguindo ver, e comecei a perceber que a minha visão estava diminuindo. Eu fui ao primeiro Oftalmologista e ele disse que era vista cansada e passou a receita pra eu fazer um óculos e depois disso eu fui a outro Oftalmologista e ele disse que eu precisava ir com alguém mais específico, pra ver o fundo do olho porque sou diabética, inclusive na mesma época eu passei com.. Esqueci o nome [Otorrino], pra fazer um examauditivo porque estava com um som aqui dentro [ouvido] e ela disse que eu podia perder a audição também por causa da diabetes, também era outra coisa que eu ignorava, então... Eleonora conta que aos 20 anos de idade se tornou diabética e que não se cuidava porque queria comer e beber com os amigos quando saia e também porque ignorava que a diabetes traz outros problemas se não for controlada. Em suas palavras: *Eu fiz de conta que não era comigo e aí começou a danificar todo o meu organismo.* Ela aborda novamente como foi difícil começar a usar a bengala. Ela relata: *Foi por descuidos por falta de... Um pouco por falta de orientação porque eu nem sabia que a diabetes atingia os olhos, por fim começou aquela maratona contra a não perda, mas não teve como, a cirurgia da Retinopatia Diabética foi muito bem o problema foi o Glaucoma depois e a cegueira do olho esquerdo, e a direita está meio embaçada, comprometida, com a retina um pouco descolada, agora está com catarata severa, diminuiu bem o campo visual, já era pequeno, agora só lateral no direito, agora ficou melhor, mas no começo eu não queria nem aceitar as reabilitações visuais, mas como o INSS me obrigou, eu comecei a participar. Acho que não é um bicho de sete cabeças, é legal e estou tanto aqui como em outra cidade fazendo reabilitação visual. Nem sei por que eu não vinha, mesma coisa é o uso da bengala, eu uso a bengala, eu sei que eu tenho um pouco de resíduo visual, mas não é o suficiente pra eu andar sozinha, então eu uso o restinho da visão e a bengala. No começo eu não queria aceitar foi muito difícil eu aceitar, mas depois que eu vi que ela me possibilitou ir e vir, nossa, muita facilidade, eu não consigo mais viver sem ela;* Para Letícia a perda visual significou não poder acompanhar o crescimento de sua filha que tinha na época um ano e seis meses e achar que não poderia mais cuidar dela. Letícia conta que guarda em sua memória o rosto de sua filha quando tinha um ano e seis meses. Ela diz: *Foi muito difícil, no começo foi muito difícil porque eu tinha a minha filha pra cuidar então foi muito difícil. Aí minha mãe veio ficar comigo, minha mãe ficou comigo 1 ano pra me ajudar, até descobrir aqui, fazer os cursos, que foi que eu fui me adaptando, mas até hoje ainda não é fácil, principalmente a aceitação que a gente enxergava e agora a gente está numa situação que não está mais enxergando, complicado a vida né.* Letícia conta como foi sua perda visual, ela estava trabalhando quando aconteceu. Ela relata: *Foi no dia... Já estava ruim faz tempo, mas quando descobriu*

mesmo o que era e apagou a visão e ficou desse jeito foi dia 28 de outubro de 2008. O meu olho já doía, ficava vermelho, meu olho doía muito e eu ia ao médico e eles falavam que era conjuntivite, até quando eu cheguei à loja pra trabalhar e eu não estava enxergando mais nada. Fui ao médico e ele falou que não, que ele achava que era uma doença, que ele ia ver. Até que ele fez todos os exames e descobriu que era a doença que eu tenho que é chamada Vogt Harada e que não tem cura. Entre 10 mil mulheres, uma tem a doença, é uma doença rara, né. [...] Não enxerguei mais nada, só aquela coisa bem pouquinha, só o vulto mesmo. O médico disse que a retina tinha descolado e que tinha que fazer uma cirurgia, mas ele achava que era outra doença que eu tinha também, mas primeiro ele ia colar a retina pra ver se conseguia alguma coisa. Fiz a cirurgia, colou a retina, mas continuou do mesmo jeito e fez um monte de tratamento fez uns exames e ele constatou que era essa doença, Vogt Harada que daí eu comecei a fazer o tratamento, eu comecei a usar remédio, fiz quimioterapia, um monte de coisa tudo o que ele dizia que podia matar que é tipo uma inflamação que vai comendo as córneas, e aí ele dizia que se ele conseguisse matar a bactéria, eu poderia fazer um transplante e voltar a enxergar, só que ele não conseguiu matar, todos os remédios que eu tomei, fiz quimioterapia, tomei corticóide, tomei um que custa seis mil reais cada injeção e nada resolveu, daí ele chegou em mim e falou que não tinha mais o que fazer e que dava 1 ano pra eu perder tudo e só ver escuridão, só que até então graças a Deus não aconteceu ainda isso, mas ele não deu chance nenhuma; Para Elton a perda visual significou depender de outra pessoa para andar na rua, de não poder fazer as coisas que fazia antes da perda visual, principalmente fazer musculação que é uma atividade que ele gosta muito. Em suas palavras: *Ah mudou tudo, mudou tudo, a forma de você andar, de você... Precisa de uma pessoa, é na rua, mudou tudo, dentro de casa eu me viro bem, mas na rua eu tenho um certo receio ainda, eu saio na calçada, na calçada eu me viro, pra andar pra longe assim, aí dentro de casa eu já me acostumei, dentro de casa eu fico sozinho, se precisar fazer alguma coisa, alguma comida eu me viro, eu consigo fazer, só na rua que eu tenho mais receio.* Elton conta que perder a visão foi difícil no começo. A perda visual foi devido ao diabetes que começou aos dez anos de idade, na adolescência ele não controlava, e também demorou para o médico acertar a dose de insulina. Ele diz: *No começo foi difícil, mas eu fui me acostumando, vim aqui [serviço de reabilitação] aprendi bastante coisa, escutei bastante outras pessoas que também tem deficiência visual, fui me acostumando, hoje em dia estou mais acostumado, mais conformado.* Elton não estava trabalhando quando perdeu a visão, ele tinha sido demitido há quatro meses. Ele trabalhava como ajudante de despachante numa empresa. Ele conta como aconteceu a perda visual. Em suas palavras: [...] *daí que começou esse problema da visão, comecei a ver um risco no olho daí foi relaxando a visão daí... Primeiro eu perdi no olho esquerdo, não, no olho direito, eu comecei o tratamento lá no [clínica de olhos], era SUS, era do governo, demorou muito, quando eu fiz a cirurgia estava muito avançada, perdi, daí depois foi o outro, o outro não apareceu o risco, só a baixa visão, aí eu fiz um plano particular pela Unimed e operei, mas não resolveu muita coisa,*

*fiz quatro cirurgias, mas não adiantou, a retina descolou. Começou em final de 2009 para 2010; Para Juca perder a visão significou não poder mais ir e vir quando quisesse, significou não dirigir, não poder trabalhar, pois ele trabalhava como vendedor e utilizava o carro. Ele relata: *Psicologicamente desde 2000 eu vim tentando me preparar, mas não é fácil, a hora que aconteceu foi um baque porque você fica sem o chão, não tem explicação, não sei nem explicar o que acontece, porque eu era um cara ativo, eu dirigia mesmo com baixa visão eu dirigia, pegava estrada, tudo, eu não ficava parado.* Juca conta que no ano de 2000 foi assaltado e que costumava ler o jornal de manhã, tomava o café e ia ler o jornal, mas naquele dia não conseguia ler, ele achou estranho, foi lavar o rosto e foi ao médico. Nessa consulta descobriu-se o Pseudoxantoma, mas não tem tratamento. Ele diz: *Então a deficiência visual começou em 2000, eu descobri o problema que é o Pseudoxantoma, mas os médicos, nenhum dava o diagnóstico que eu ia perder a visão, nós estamos em 2013, em junho agora vai fazer dois anos que eu perdi, 2011 que eu perdi total. Eu tinha baixa visão.* Juca conta que, em 2011, ele se deitou para dormir e quando acordou no dia seguinte já não estava enxergando mais nada. Ele conta que em 2005 quando teve o AVC a visão diminuiu mais ainda, ele tinha 15% e em 2005 diminuiu para 5%, em 2011 perdeu todo o resíduo. Juca conta que o AVC foi por causa do Pseudoxantoma, ele não tinha pressão alta, só descobriu quando começou a frequentar o grupo de reabilitação em baixa visão. Juca conta um pouco mais sobre suas atividades de trabalho e sobre a perda visual; Para Cecília a perda visual significou perder a independência, pois ela fazia tudo em sua casa e resolvia tudo sozinha também. Ela conta: *Faz cinco anos que eu tive o problema de visão, que eu tive essa Microvasculite provocada por uma doença autoimune que chama Musinose e... Que foi uma fase muito difícil da minha vida, está sendo ainda, já estou bem mais adaptada, mas ainda está muito difícil e então... É, foi assim uma fase assim muito... É, foi muito de repente o que aconteceu, então foi muito difícil de adaptação com esse problema visual que pra mim foi assim, sabe uma... Uma situação difícilíssima, assim, foi muito difícil mesmo, hoje graças a Deus e graças aqui que também me ajudou bastante, eu... Não superei, mas estou assim, me adaptando a cada dia mais um pouquinho a mais... E espero que ainda eu fique melhor;* Para Jeane a perda visual significou não ser aceita por algumas pessoas. Ela diz: *A minha infância foi muito boa porque eu enxergava bem mais do que hoje em dia, eu brincava, enxergava mais coisas, então eu achava bem legal minha infância e de um tempo pra cá eu já não gosto muito mais pela perda da visão, é isso. [...] Minha perda visual, pra mim, foi uma coisa muito chocante, muito triste, foi a pior coisa que aconteceu na minha vida porque eu não imaginaria que pudesse chegar a esse ponto, sabe.* Jeane tinha baixa visão desde a infância, o problema visual é Retinose Pigmentar; Para Fabíola que tinha baixa visão desde a infância, a perda gradativa da visão foi um acontecimento ruim, mas ela não soube explicar. Ela diz: *Foi ruim para eu saber que estava perdendo uma parte da minha**

visão, quer dizer, eu sei que eu tenho um problema e que eu já tinha uma parte da minha visão que tinha pego o problema e ruim você saber que com o tempo você vai perdendo a visão. Eu não sei explicar pra você, mas eu acho isso ruim, porque conforme vai se dando o tempo a gente acredita que ele não vai evoluir, né; Para Daniel a perda visual aconteceu primeiro como uma perda total devido o câncer que alojou no nervo óptico do lado direito e afetando também o lado esquerdo, junto com a perda visual houve também a paraplegia. Depois da cirurgia Daniel voltou a enxergar 2,5% do olho esquerdo, o olho direito enxerga embaçado, e após fisioterapias ele voltou a andar. Ele conta como foi essa perda visual: *No começo foi difícil, mas depois eu fui me readaptando, fui aprendendo a viver com essa visão que agora eu tenho.* Daniel quando chegou ao hospital tinha pouco tempo de vida. Conseguiu fazer a cirurgia e tirar o câncer, fez tratamento sendo 56 quimioterapias e 28 radioterapias; Para Janete a perda visual significou parar de trabalhar e também se tornar dependente. Em suas palavras: *[...] Tive uma vida normal, tive uma vida normal, aí depois uns anos... Aí veio... Andei tendo umas crises de conjuntivite, daí não sei... O médico fala que não é conjuntivite e até eu perder a visão [falou pausadamente] eu trabalhei bastante, tudo o que eu fazia... Eu gostava muito do que eu fazia. Trabalhei de doméstica, de cozinheira, trabalhei numa época também que a gente trabalhou uns quatro anos... Foi quando nós mudamos de São Paulo para [cidade do interior de São Paulo], vai fazer 28 anos que nós viemos de São Paulo para [cidade do interior de São Paulo], foi a época que ele comprou uma lanchonete e eu fui trabalhar na lanchonete fazendo salgados, essas coisas, muita coisa que eu não sabia eu tive que aprender, nunca tinha feito né. Até aí nessa época foi quando eu comecei a sentir muitas dores de cabeça e fui ao oculista, lembro que foi uma médica, ela falou pra mim, essa época eu estava com 45 anos, ela falou pra mim que eu tinha um problema na visão, ela não soube explicar, ela falou "A senhora teve um problema na visão na sua infância e daqui por diante a senhora tem que cuidar porque a tendência é a visão ter problema, vai ficando mais fraca" e foi o que foi acontecendo né, foi quando descobriu que eu tinha Glaucoma. Aí eu comecei... Janete se deitou para dormir e quando acordou no dia seguinte não estava enxergando.*

De acordo com Vigotski (1989) a cegueira além da falta de visão também provoca uma grande reorganização da mente, constatamos isso nos relatos dos sujeitos entrevistados. Houve uma mudança brusca na vida de todos eles.

Todos os entrevistados revelaram a dor que foi perder a visão e corroboram com a afirmação de Nowill (1996), cega aos 17 anos de idade, que diz [...] "É preciso enfrentar a cegueira em toda a sua realidade. Muito difícil para uns, um pouco menos difícil para outros. Fácil para ninguém". (p.241)

A significação para os sujeitos entrevistados sobre o enfrentamento da perda visual foi diferente um do outro, pois cada ser humano é único.

Considerações

Compreender os sentimentos vividos por cegos com cegueira adquirida poderá ajudar a construção de políticas públicas que auxiliem o professor a atender às peculiaridades educacionais deste grupo de alunos, garantindo o acesso dos mesmos aos recursos necessários para seu pleno desenvolvimento.

Referências

BITTENCOURT, Z.Z.L.C, MONTILHA, R.C.I., GASPARETTO, M.E.R.F., TEMPORINI, E.R., CARVALHO, K.M.M. **Retinopatia diabética e a deficiência visual entre pacientes de programa de reabilitação.** Revista Brasileira de Oftalmologia, v.70 (6), 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 7ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Deficiência adquirida e qualidade de vida – possibilidades de intervenção psicológica.** In: MASINI, E.A.F.S., BECKER, E., PINTO, E.B., AMARAL, L.A., KOVÁCS, M.J., AMIRALIAN, M.L.T.M. Deficiência: alternativas de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2.ed., 1998.

NOWILL, Dorina. ... **E eu venci assim mesmo.** São Paulo: Totalidade, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos da Defectologia.** LaHabana: Editorial Pueblo y Educacion, 1989. (Obras Completas, t.5)